

## **“Se fosse possível pensar formas de nos mantermos mais próximos da universidade”: uma análise do acompanhamento de egressos e egressas do curso de Licenciatura em História da UFPel**

“If it were possible to think of ways for us to keep closer to the university”: an analysis of the monitoring of alumni from UFPel's History undergrad program

**Leonardo Tavares Pereira<sup>1</sup>**  
**Lorena Almeida Gill<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este artigo aborda um estudo desenvolvido pelo Programa de Educação Tutorial Diversidade e Tolerância (PET-DT) e pelo Núcleo de Documentação Histórica Beatriz Loner (NDH) da UFPel, com 186 egressos e egressas do curso de Licenciatura em História da UFPel, por meio de um formulário *Google*. Através da utilização de metodologia quali-quantitativa, foi possível analisar alguns dados sobre os graduados bem como pequenas narrativas construídas por eles. A pesquisa buscou levantar informações a respeito da percepção que tinham sobre a formação recebida, tal como de suas inserções laborais. A intenção é a de se utilizar os resultados para repensar o próprio curso, que está completando 40 anos em 2021. Para a construção deste texto foram utilizadas reflexões sobre ser professor no Brasil.

**Palavras-chave:** Egressos. Professores. História. UFPel.

**Abstract:** This article discusses a study developed by UFPel's Programa de Educação Tutorial Diversidade e Tolerância [Tutorial Education, Diversity and Tolerance Program] (PET-DT) and by the Núcleo de Documentação Histórica Beatriz Loner [Historical Documentation Center] (NDH), with 186 UFPel History major alumni, using a Google Form. Through the use of quali-quantitative methodology, it was possible to analyze some data about the former undergraduates as well as small narratives constructed by them. The research sought to gather information about the perception they had about the training they received, as well as their job placements. The intention is to use the results to rethink the course itself, which is completing 40 years in 2021. For the construction of this text, reflections on being a teacher in Brazil were used.

**Keywords:** Alumni. Teachers. History. UFPel.

### **Introdução**

A pesquisa com os egressos e egressas nasceu em um momento em que o Curso de Licenciatura em História da UFPel<sup>3</sup> se preparava para completar 40 anos. A graduação surgiu em dezembro de 1980, mas começou a funcionar em 1981, a partir de portaria publicada no dia

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Instituto de Ciências Humanas (ICH), Bacharelado em História e petiano. E-mail: [leonardotavarespereira@gmail.com](mailto:leonardotavarespereira@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Instituto de Ciências Humanas (ICH), Doutora em História, Tutora do grupo PET-DT e coordenadora do NDH. E-mail: [lorenaalmeidagill@gmail.com](mailto:lorenaalmeidagill@gmail.com)

<sup>3</sup> Para saber mais sobre a história da UFPel ver: LONER; GILL; MAGALHÃES (2017).

28 de maio. Inicialmente, organizava-se em uma duração de dois anos e era complementar à Licenciatura em Estudos Sociais, com igual duração (Licenciatura Curta). A formação completa se dava, portanto, em 4 anos, para que se obtivesse o título da Licenciatura Plena. Essa estrutura do curso entrou em extinção a partir do ano de 1990, quando houve uma grande mobilização de alunos, professores e técnicos administrativos à época, que entendiam que a formação não era a mais adequada, pouco enfatizando questões teóricas e metodológicas da área. Iniciou-se, portanto, o Curso de Licenciatura em História com quatro anos. A partir de 2004, o curso passou a ter 5 anos, tendo em vista um pedido de alunos para obter o que consideravam uma formação ainda mais completa. Com o passar dos anos, no entanto, através de uma votação em assembleia geral voltou-se aos 4 anos de duração, por se analisar que o tempo era bastante diverso das demais Licenciaturas da UFPel. Atualmente, levando em conta as novas legislações existentes, a graduação passou a ser oferecida em quatro anos e meio.

O curso não prepara o graduado apenas para dar aulas, mas também para a pesquisa bem como organizar projetos de extensão que dialoguem com a comunidade em geral. Atualmente, a graduação possui 671 egressos<sup>4</sup>, que atuam em diferentes regiões do Brasil e, também, fora do país e os alunos atuais perfazem um total de 243 estudantes<sup>5</sup>.

Desde o momento de sua criação, a graduação nunca havia passado por pesquisa que analisasse a formação recebida pelos graduados e suas inserções laborais e, conforme ANDRIOLA (2014, p. 205): “nada é mais relevante do que a investigação das repercussões sociais das atividades de uma IES, através, por exemplo, do acompanhamento sistemático dos seus egressos”.

Tendo em vista essa realidade, o PET-DT e o NDH<sup>6</sup> resolveram promover o estudo através da ferramenta *Google Forms* que, por ser on-line, poderia ser utilizada em tempos pandêmicos, como o que vivemos atualmente, tendo em vista a existência da Covid-19<sup>7</sup>. O questionário contou com a participação de 186 egressos e egressas de um total de 671 formados pelo curso<sup>8</sup>, totalizando 27,7% dos graduados. Adentrando no acompanhamento de egressos, é importante compreender que estudos desse gênero são essenciais para averiguar a situação dos

---

<sup>4</sup> Dados retirados da página da UFPel no dia 19 de setembro de 2021. <https://institucional.ufpel.edu.br/cursos/cod/3000>.

<sup>5</sup> Informações constantes no portal do curso na data de 18 de outubro de 2021.

<sup>6</sup> Um estudo sobre os egressos e egressas do curso do Bacharelado em História também foi desenvolvido e já publicado (PEREIRA; GILL, 2020).

<sup>7</sup> O PET-DT promoveu uma pesquisa sobre os impactos da pandemia de Covid-19 na vida de alunos e alunas da UFPel. Ver: OLIVEIRA; LANGHANZ; GILL (2020).

<sup>8</sup> No *site*, o registro do número de egressos começa no ano de 1991.

cursos e das universidades, pois possibilitam o constante aperfeiçoamento e a manutenção de um contato com os alunos formados. Esse vínculo é relevante também, pois permite a atualização dessas instituições por meio da experiência dos egressos, dentro e fora do curso, além de poder possibilitar uma formação continuada de tais profissionais. Dessa forma, a instituição pode se adaptar ao desenvolvimento do mercado de trabalho, assim como averiguar se o seu dever social, de formação humana, cidadã e democrática, está sendo cumprido.

Esses estudos permitem, ainda, a formulação de um perfil dos alunos formados pelas universidades, tornando possível a compreensão dos índices de inserção de diferentes grupos étnico-raciais e sociais ao ensino superior, bem como a realização de uma análise a fim de investigar se as políticas de permanência têm sido eficazes para fazer com que haja a conclusão da graduação. No mais, os trabalhos de acompanhamento de egressos configuram-se como importantes fontes de dados e informações para pesquisas futuras, pois: “Os pesquisadores poderão tirar ensinamentos teóricos das informações coletadas, contribuindo na identificação das tendências subjacentes e melhorar os instrumentos de investigação” (PAUL, 2015, p. 322).

Para tanto, antes de se iniciar a análise, é importante elaborar um breve retrospecto sobre estudos com contribuições acadêmicas semelhantes. As pesquisas de acompanhamento de egressos surgiram nos Estados Unidos e na França nas décadas de 1960 e 1970 pela necessidade de compreender e adaptar-se às transformações que o mercado de trabalho apresentava à época (PAUL, 2015). Além de propiciar compreender o contexto do mercado de trabalho, essas abordagens serviram para regular a obtenção de títulos e diplomas nesses países, fornecendo dados a respeito da qualidade dos cursos e estabelecendo os requisitos necessários à formação.

No Brasil, se teve universidades pioneiras em estudos desse gênero, tais como: a Universidade Federal do Ceará (UFC), a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade de São Paulo (USP). Apesar disso, os estudos de acompanhamento de egressos no país ainda são poucos (SIMON; PACHECO, 2017; PAUL, 2015; ANDRIOLA, 2014; LIMA; ANDRIOLA, 2018), pois, em sua maioria, o acompanhamento é feito por cursos específicos, de forma esporádica limitando-se, em muitos casos, a uma simples contabilização dos graduados no decorrer dos anos. A tentativa de realizar o acompanhamento de forma mais contínua deu-se a partir da implementação do “Portal do Egresso” pelas IES, em seus *sites*, os quais visam à formação continuada e o aperfeiçoamento do ensino, sendo sua principal prática a coleta de dados (SIMON; PACHECO, 2017).

Um importante avanço para as IES e para o acompanhamento de egressos foi a criação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), em 2004. O Sinaes tornou-se um marco para os estudos de egressos no país (SIMON; PACHECO, 2017), sendo o seu

dever avaliar as instituições, os cursos e os estudantes, a partir de parâmetros definidos pelo Ministério da Educação (MEC). A criação do Sinaes representa um incremento à criação de pesquisas sistemáticas, que permitam a construção de dados padronizados, envolvendo todos os participantes da instituição em comparação com outras instituições e cursos (SIMON; PACHECO, 2017).

O desenvolvimento de pesquisas sobre a temática é importante, conforme já dito, especialmente em dias atuais, em que a educação tem sido atacada de diversas formas, dentre elas com o corte de verbas, que inviabiliza que se cumpram com bons padrões questões relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão. Por outro lado, a pandemia de Covid-19 tem impossibilitado práticas tão necessárias no cotidiano das IES e o desenvolvimento deste estudo apresenta uma possibilidade e exemplo de transpor a barreira pandêmica e seguir na luta pelo avanço de estudos científicos no ambiente universitário.

### **Discussão**

Os estudos de acompanhamento de egressos foram um ponto central para o desenvolvimento deste trabalho, conforme abordado. Os materiais já produzidos preconizam a necessidade de empenho institucional e contínuo no acompanhamento dos egressos para poder adaptar as IES às novas necessidades conjunturais, ao refletir, especialmente, sobre a inserção laboral dos graduados. De outra forma, a análise dos resultados pode proporcionar uma troca constante dos egressos com a IES visando, também, à construção de uma formação continuada. O próprio título do trabalho apresenta essa necessidade, a partir da fala de um respondente, que reivindica permanecer próximo à Universidade mesmo depois de formado.

As bases apresentadas pela Organização Mundial para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e pelo Sinaes aconselham a necessidade do acompanhamento de egressos para o melhor desenvolvimento educacional, indicando alguns pontos sobre os quais se deveria ter uma lupa: levantamento do perfil sociodemográfico, inserção laboral e a avaliação dos cursos (LIMA; ANDRIOLA, 2018).

Apesar dos estudos com egressos postularem a vantagem de pesquisas sistêmicas para comparações entre as instituições, esta pesquisa foi elaborada observando as especificidades do curso de Licenciatura em História propondo-se a valorizar, principalmente, o aspecto da memória dos egressos e egressas. Ainda que exista a vantagem do caráter sistêmico, a diversificação das abordagens das pesquisas também é importante para a postulação de modelos — ainda mais no Brasil, que não possui essa prática, — e para o aprofundamento de áreas

específicas, assim como trazem Lima e Andriola (2018, p. 107-108): “Dessa forma, há necessidade de diversificação dos estudos avaliativos com alunos e egressos a fim de ampliar a visão sobre a profissão e especificar vicissitudes relativas à formação e atuação em diferentes contextos econômicos”. No mais, apesar da diversificação dos instrumentos de estudos ainda é possível, dependendo das semelhanças das questões elencadas nas pesquisas, realizar a comparação com outros estudos do tipo, principalmente se as pesquisas se basearem nas postulações do Sinaes e da OCDE.

Quanto à delimitação de período pós-conclusão de curso estipulado por algumas pesquisas, neste trabalho não será aplicada, pois o objetivo foi conseguir o maior número de respostas de egressos participantes para a obtenção de dados gerais.

Para a análise das narrativas, foi fundamental se pensar sobre o lugar social da profissão de professor no Brasil. Segundo Souza Neto (2005, p. 256-257):

[...] os educadores têm um papel formador direto que se dá dentro e fora da sala de aula, na escola e na rua, no pátio e nas praças. Um papel que é de formação para aquilo que se aprende no âmbito dos diversos saberes, sejam eles disciplinares ou não, e da educação para a política como espaço de disputa de projetos de mundo.

Embora esse papel devesse ser considerado importante, os professores não têm tido o reconhecimento que merecem, tanto assim que são vários os formados que, depois de passar um tempo exercendo a docência, acabam optando por novas carreiras laborais. Tal fato se vincula aos baixos salários que recebem, especialmente àqueles que se dedicam ao ensino fundamental e médio, além de uma infraestrutura bastante precária nos ambientes de trabalho e a desconsideração de sua profissão, questões estas explicitadas através das narrativas de egressos e egressas.

Essa situação foi exacerbada com a pandemia de Covid-19, já que os professores e professoras se viram em uma situação de muita instabilidade, ou seja, tendo em vista a necessidade de distanciamento social a pergunta que aparecia era como atuar no momento pandêmico. A partir daí, foram construídas algumas alternativas como o ensino remoto emergencial, mas houve uma grande cobrança para que as atividades presenciais fossem retomadas, mesmo que não se tivesse segurança para esses trabalhadores. No caso das professoras, a situação se mostrou ainda mais calamitosa, uma vez que muitas mulheres tiveram de atuar através do chamado home-office, além de cuidar dos filhos e da casa, como comumente o fazem, tendo em vista a divisão sexual do trabalho.

## **Metodologia**

Para se pensar sobre os egressos e egressas do curso de Licenciatura em História foram desenvolvidas vinte e nove questões, algumas objetivas e outras dissertativas, que permitiram uma análise quali-quantitativa. As perguntas possibilitaram, principalmente, pensar sobre os seguintes temas: o perfil dos egressos; a situação laboral; a formação acadêmica; a satisfação com o curso; ideias para o aperfeiçoamento do currículo do curso, e avaliações sobre o passado e os caminhos percorridos.

A adoção do método quali-quantitativo se deu pela necessidade de realizar um levantamento mais diverso e valorizar a percepção dos egressos sobre o curso. Além disso, o método permite a construção de pequenas narrativas que mostram as diversidades das trajetórias construídas no decorrer desses 40 anos.

Para o estudo, utilizou-se da comparação das informações coletadas pelo formulário com os dados de anuários, estudos, pesquisas, dossiês e censos. Aqui, é importante ressaltar que a comparação com dados de somente um ano pode ocasionar distorções se levado em conta o longo período do curso, que é abrangido pelo formulário, mas essas comparações servem para refletir sobre os resultados deste estudo e, assim, pensar caminhos a se seguir.

Os formulários foram divulgados por meio das contas de *Facebook* dos professores do curso de Licenciatura em História; da página do colegiado dos cursos de história da UFPel e das redes sociais do PET-DT e do NDH. O formulário on-line ficou disponível para os respondentes nos meses de abril a junho de 2020, contando com a participação de 186 egressos do curso, conforme já dito.

Esta pesquisa compreendeu, portanto, as seguintes etapas: 1) a seleção do público-alvo, sendo os egressos do curso de Licenciatura em História da UFPel; 2) formulação das questões; 3) a elaboração do questionário através do *Google Forms*; 4) a divulgação on-line do formulário por meio do *Facebook*; 5) tabulação das informações e a formulação de gráficos; 6) a análise, comparação e divulgação dos dados à comunidade.

## **Resultados**

Os resultados serão explicitados a partir de eixos que buscam agrupar as questões de modo a facilitar a compreensão do leitor e a realização de comparações, tendo como base os indicativos propostos pelo Sinaes e a OCDE e outros que atendem às especificidades de curso e da pesquisa em si.

O primeiro eixo é o perfil sociodemográfico. Referente ao gênero, 56,4% identificam-se como mulher (n=105), 41,9% como homem (n=78), 0,5% identificaram-se como humano (n=1) e 1% não responderam (n=2). Aqui, é importante a comparação com os dados do Censo da Educação Superior de 2019<sup>9</sup> realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e promovido pelo Ministério da Educação (MEC). Os dados apontam o perfil dos alunos do ensino superior nos cursos, presenciais, de licenciatura, em 2019, e demonstram que 59% dos egressos são mulheres e 41% são homens. Quanto ao perfil dos egressos da grande área de Artes e Humanidades, no mesmo censo, temos que 57,3% são mulheres e 42,7% são homens. No que tange especificamente aos cursos de Licenciatura em História, o Relatório Síntese de Área História (Bacharelado/Licenciatura) do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) de 2017, produzido pelo Sinaes<sup>10</sup>, anota que 50,1% são mulheres e 49,9% são homens. Pôde-se observar, portanto, que há certa simetria nos dados do curso com os dados nacionais e da grande área. Vale ressaltar, em suma, que a presença das mulheres nas Instituições de Ensino Superior vem subindo nos últimos anos, porém, o Brasil segue, ainda, abaixo da média da população em geral com ensino superior, dos países da OCDE<sup>11</sup>.

Quanto à composição étnico-racial, 82,7% identificam-se como branca (n=154), 8% como parda (n=15), 5,3% como negra (n=10), 1% como preta (n=2). Identificaram-se como miscigenado 0,5% (n=1), da mesma forma que 0,5% como ascendência variada (n=1) e, por fim, 1,6% não responderam à pergunta (n=3). Esses dados podem ser comparados também àqueles do Censo da Educação Superior, de 2019, que mostram que a maioria dos ingressantes, 42,6%, nos cursos presenciais, declararam-se branca, seguido de pardos com 31,1% e pretos com 7,1%, além da declaração de 1,7% como amarela, e 0,7% como indígena. Ainda, 16,8% não declararam sua etnia/raça no Censo. Outro dado importante é o do Enade de 2017, o qual demonstra que 40,6% dos concluintes declararam-se branca, seguido da declaração de pardos com 33,6%, pretos com 17,9%, amarelos com 1,7% e indígenas com 0,8%. Já 5,5% não declararam sua raça/etnia ao Enade.

---

<sup>9</sup> Censo da Educação Superior Notas Estatísticas 2019 - Inep. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2020/Notas\\_Estatisticas\\_Censo\\_da\\_Educacao\\_Superior\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Notas_Estatisticas_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf)>. Acesso em 23 de maio de 2021.

<sup>10</sup> Sinaes, Enade 2017, Relatório Síntese de Área História (Bacharelado/Licenciatura). Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/enade/relatorio\\_sintese/2017/Historia.pdf?fbclid=IwAR0PLGyZhYEvdlnWwRS3Laj\\_6rsF26CGOL7pIm00tM29WijE2od1dDKD0Ks](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2017/Historia.pdf?fbclid=IwAR0PLGyZhYEvdlnWwRS3Laj_6rsF26CGOL7pIm00tM29WijE2od1dDKD0Ks)>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

<sup>11</sup> Panorama da Educação Destaques do *Education at a Glance 2019*. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/panorama\\_da\\_educacao\\_destques\\_do\\_education\\_at\\_a\\_glance\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/panorama_da_educacao_destques_do_education_at_a_glance_2019.pdf)>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

Ao comparar os resultados da pesquisa sobre o curso de Licenciatura em História da UFPel com os dados do Censo da Educação Superior 2019 e do Enade de 2017, percebe-se algumas assimetrias. As informações do curso apresentam resultados destoantes em relação aos dados nacionais de ingresso e egresso. Esses resultados são mais preocupantes quando se leva em consideração a política de cotas que destina 50% das vagas do curso para as cotas raciais, embora seja necessário contextualizar que muitos dos respondentes se vinculavam a períodos em que não havia política de cotas nas Universidades, implementadas apenas no ano de 2012 através da Lei n. 12.711. Para realizar uma análise mais pormenorizada, observou-se os dados do formulário, a partir do ano de ingresso de 2012, no qual se tem um total de 34 respondentes e 33 deles declararam sua raça/etnia, sendo assim, 78,7% se declararam como branco (n=26), 15,5% como pardo (n=5) e 6% como preto (n=2).

No tocante às idades, os egressos possuem de 21 a 68 anos de idade, mas têm, em sua maioria, entre 30 e 45 anos (52,6%). No quesito local de nascimento, há egressos de 41 cidades, ainda que a grande maior parte tenha nascido no RS (94,6%), especialmente em Pelotas (52,1%). Além do RS, apareceram mais cinco estados: Santa Catarina com 1% (n=2), Minas Gerais com 1% (n=1), São Paulo com 1% (n=2), Rio de Janeiro com 0,5% (n=1) e Amazonas com 0,5% (n=1). Constam, também, 0,5% dos egressos nascidos em Artigas/Uruguai (n=1). Não responderam à pergunta, 0,5% (n=1). Tal informação faz pensar que o curso de Licenciatura em História reúne, em sua maioria, pessoas que moram bastante próximo à UFPel, diferentemente de outras graduações para as quais existe maior procura junto ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu).

Quanto ao local de moradia atual dos respondentes, tem-se 42 cidades, sendo que a maior parte reside no RS (92,4%) e, em especial, em Pelotas (60,2%), mas há outros estados que aparecem, como Santa Catarina com 3,2% (n=6), Mato Grosso do Sul com 0,5% (n=1), São Paulo com 0,5% (n=1), Rondônia com 0,5% (n=1), Bahia com 0,5% (n=1) e Paraná com 0,5% (n=1). Há, também, um egresso residindo em Artigas/Uruguai (0,5%) e 1% não respondeu à questão (n=2).

Referente ao ano de ingresso no curso, os graduados tiveram uma trajetória desde o ano de 1987 até 2016. Mais da metade, 53,2%, dos egressos entraram na Licenciatura entre 1998 e 2009 (n=99), tendo os anos de 2007 a 2009 com o ingresso de 20,4% dos respondentes (n=38). Pôde-se observar que um quinto dos egressos adentraram no curso no período de efetivação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Brasileiras (REUNI), de 2007, que levou a uma ampliação significativa de ofertas de vagas e novas graduações.



No que diz respeito às cotas, os dados chamam a atenção já que 84,9% não foram cotistas (n=158). Para os cotistas, a maioria (13 pessoas) declarou ter cursado o ensino médio somente em escolas públicas<sup>12</sup>. Quanto às cotas sociais, referente à renda familiar, 11 pessoas entraram a partir dessa modalidade<sup>13</sup> (n=11). Relacionado às modalidades de ensino por caráter étnico tem-se que 4 estudantes ingressaram através dessa categoria<sup>14</sup>.

Os resultados obtidos com a pesquisa ficam muito destoantes se comparados aos dados do Enade 2017 Relatório Síntese de Área História (Bacharelado/Licenciatura) que indicam que 29,4% dos egressos de licenciatura ingressaram por meio de alguma política específica. Observa-se que os dados nacionais apontam o dobro de concluintes cotistas se comparados aos dados do curso da UFPel, contudo, é importante frisar que os dados do Enade se referem a estudantes formados no ano de 2017 e que a pesquisa com os egressos do curso da UFPel abrange um período de 40 anos.

O próximo eixo se relacionou aos dados acadêmicos dos egressos, tais como o período do curso e a continuidade aos estudos. Nesse sentido, é dito pelos respondentes que 60,7% possuíram algum tipo de bolsa, no decorrer da graduação, em 16 projetos diferentes (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, UFPel, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do RS- FAPERGS, Programa de Educação Tutorial-PET, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, Extensão, Programa de Iniciação de Bolsas Ações Afirmativas, Câmara Municipal de Pelotas, Primeira Infância Melhor, Projetos de Extensão, Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID, Laboratório de Ensino de História, Biblioteca Pública Pelotense, Fundação de Apoio Universitário e Prefeitura Municipal de Pelotas). O projeto que contou com mais bolsistas foi a UFPel com 17,7% (n=33), seguido do PIBID com 15,5% (n=29), do CNPq com 10,2% (n=19) e da FAPERGS com 10,2% (n=19). Esses quatro projetos juntos atingiram 53,7% das egressas e dos egressos (n=100). Ainda, 37% dos egressos não tiveram bolsa alguma (n=69) e 2,1% não responderam à pergunta (n=4).

---

<sup>12</sup> L5 – Candidatos que, independentemente da renda, tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

<sup>13</sup> L1- Candidatos com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

<sup>14</sup> L2 – Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. L6 – Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independentemente da renda (art. 14, II, Portaria Normativa nº 18/2012), tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

É pertinente destacar que ter recebido bolsa desempenhou um papel relevante para a conclusão das graduações, segundo os respondentes. A bolsa, somada aos programas de permanência estudantil, garante o mínimo necessário para que os estudantes possam manter-se estudando. A ampliação do acesso e dos valores dessas bolsas é de vital importância para se atingir os padrões esperados de equidade, no que tange às diferentes classes sociais e grupos étnicos/raciais, contudo, o cenário atual é bastante diverso do pretendido, já que a atual gestão federal vem diminuindo os recursos para a educação. Para compreender a falta de reajustes dessas bolsas olha-se para a Associação Nacional de Pós-graduandos (ANPG) que aponta que esses recursos perderam 44% do seu valor real por causa dos mais de sete anos sem reajustes<sup>15</sup>.

A respeito da pós-graduação, tem-se as seguintes respostas: 15,5% dos egressos estão realizando mestrado (n=29) e 40,3% já o concluíram (n=75). Quanto ao doutorado, 11,2% encontram-se fazendo o curso (n=21) e 8% já concluíram o seu doutorado (n=15). Temos, então, que 75,2% dos egressos ou está realizando uma pós-graduação ou já a concluiu (n=140). As pós-graduações concentram-se mais, 24,1%, no próprio programa de pós-graduação em História da UFPel (n=45), demonstrando uma continuidade de quase um quarto dos egressos no campo da História. Ainda, as pós-graduações são ou foram realizadas em dezenove áreas do conhecimento (História, Antropologia, Arqueologia, Filosofia, Geografia, Administração Pública, Educação e Tecnologia, História e Cinema, Memória Social e Patrimônio Cultural, Educação, Direito, Ciência de Alimentos, Ciência Política, Ciências Sociais, Políticas Públicas e Formação Humana, Planejamento Urbano e Regional, Letras, Engenharia e Educação Física) em 14 diferentes universidades (UFPel, FURG, UFSM, PUCRS, UFRGS, UNISINOS, UNESP, UNIPAMPA, USP, UFSM, UPF, UERJ, UFRJ e La Salle) e em um instituto federal (IFSul).

No que concerne aos temas/objetos de estudo, os mais recorrentes são: História da Educação ou Educação com 4,3% (n=8), Racismo, Povo Negro ou Escravidão com 4,3% (n=8), Gênero com 2,6% (n=5), Processos trabalhistas e/ou Direito do Trabalho ou História do Trabalho com 2,1% (n=4), Mulheres na História ou Feminismo com 2,1% (n=4), Rio Grande do Sul com 2,1% (n=4). Há também objetos como Memória e/ou Patrimônio Cultural com 1,6% (n=3), Ensino de História com 1,6% (n=3), História Política com 1,6% (n=3), entre outros. Já 22% não responderam à pergunta (n=41). Aqui, é possível observar a influência dos professores, sendo esses temas/objetos de especialidades dos docentes, que lecionam nos cursos

---

<sup>15</sup> 18m - 7 Anos sem reajustes, não dá! Recomposição e reajustes das bolsas já! Associação Nacional de Pós-graduandos (ANPG), 2020. Disponível em: <<http://www.anpg.org.br/20/02/2020/18-m-7-anos-sem-reajuste-nao-da-recomposicao-e-reajuste-das-bolsas-ja/>>. Acesso em: 20 set. 2021.

de Licenciatura em História, Bacharelado em História e no Programa de Pós-Graduação em História, todos na UFPel.

No eixo da efetividade laboral, foi visto que 48,3% dos egressos estão exercendo a profissão de professor (n=90); 26,3% encontram-se trabalhando em outra área (n=49), 5,9% estão buscando emprego na área (n=11), 4,3% encontram-se desempregados (n=8). Os demais declararam sua situação laboral como: autônomos (3,2%); na pós-graduação (3,2%), especialização (2,6%); aposentados (1,6%); professor e advogado (1%); arqueóloga (1%); empresária (0,5%); bolsista de pesquisa (0,5%) e diretor de colégio (0,5%).

Na questão sobre a participação em concursos públicos, 82,2% declararam já terem prestado concurso para professor (n=153), enquanto 17,2% não participaram de seleções públicas para o cargo (n=32) e 0,6% não responderam à pergunta (n=1). Quanto à aprovação em concurso, 76,3% disseram ter sido aprovados em concursos públicos para professor (n=142) e 21,5% relataram não ter obtido a aprovação (n=40). Ainda, 2,2% não responderam (n=4).

Os egressos, no que tange ao ingresso no mercado de trabalho, relataram, em sua maioria, moderada dificuldade (51%). O seguinte relato pode ilustrar a adversidade mais exposta, ou seja, a falta de concursos (10,2%): “Falta de concursos, tanto no estado quanto na prefeitura, reflexo da precarização da carreira docente promovida por estes setores” (respondente 1)<sup>16</sup>.

A segunda dificuldade mais manifestada, a falta de experiência (6,9%), pode ser observada através da seguinte narrativa:

Entendo que o maior empecilho seja a falta de experiência docente. No meu caso, por ter ingressado, como voluntário, já no primeiro semestre, no curso Desafio Pré-Vestibular, tive a oportunidade de, durante o tempo de graduação, obter uma significativa experiência docente, o que me garantiu ingressar no mercado de trabalho, antes mesmo de ter me formado. Costumo dizer que fiz duas graduações. Uma de cinco anos, cuja finalidade foi o conhecimento histórico. E uma segunda graduação em docência do mesmo tempo de duração da anterior. (Respondente 2)

Através desse relato, observou-se como projetos educacionais de extensão são uma importante ferramenta para a democratização da educação, além de oportunizar experiência docente aos alunos em graduações, permitindo um contato mais próximo com a realidade do ambiente escolar. No mais, como já dito, a concessão de bolsas para esses alunos de graduações

---

<sup>16</sup> As narrativas serão apresentadas de forma anônima, através do pseudônimo “respondente” e em sequência numérica.

que se dedicam a tais projetos poderia oportunizar maiores condições de permanência estudantil, fornecendo alguma fonte de renda, mesmo que pequena, a esses graduandos.

O terceiro relato mais apontado foi a falta de vagas (5,9%), que pode ser pensada, a partir da seguinte narrativa: “Muitos profissionais com alta qualificação (Boom das IES, das vagas e acesso à graduação e a PPGs)” (Respondente 3). Aqui, é importante contrapor que o Brasil fica na posição de nº 40 entre os 45 países da OCDE em percentuais de graduados — ficando abaixo da média dos países da OCDE e essa formação superior se concentra majoritariamente nas graduações, tendo um percentual pequeno de pós-graduados<sup>17</sup>. Observa-se, então, que o problema não está na quantidade de profissionais qualificados, mas, sim, nos altos índices de desemprego, reflexos das medidas neoliberais cada vez mais adotadas no país.

Outros relatos menos apontados foram: a falta de oportunidades (4,8%), a alta concorrência (4,8%), a demora na chamada dos concursos (4,3%), a baixa remuneração (3,7%), entre outros. Por outro lado, 20,9% disseram não ter encontrado dificuldades (n=39) e 27,9% não responderam à pergunta (n=52).

O formulário também indagou os egressos sobre quais escolas atuam e 42,4% disseram trabalhar somente em escolas públicas de ensino (n=79); enquanto 18,2% trabalharam em instituições públicas e privadas (n=34); 9,6% ministraram aulas somente em instituições privadas (n=18) e 1% deram aula somente em cursinhos (n=2). Ainda, 12,3% não deram aula em nenhuma instituição (n=23) e 16,1% não responderam à pergunta (n=30). É importante destacar que 10,2% já atuaram ou atuam em institutos federais ou universidades federais (n=19), sendo o maior número no IFSul com 3,2% (n=6); na UFPel com 1,6% (n=3) e, também, 1% em institutos do Uruguai (n=2).

A respeito de para quais anos os egressos costumam lecionar, tem-se que a maior parte trabalha com o ensino fundamental (48,3%); 35,4% atuam no ensino médio e 21,5% trabalham com os dois níveis. Um percentual pequeno, 10,2%, está vinculada ao ensino superior.

O estudo buscou questionar a experiência dos egressos perguntando sobre o que eles mais gostam na profissão de educador e 76,8% fizeram alguma abordagem positiva (n=143). Assim, 52,6% do total relatou a relação com os alunos e/ou seu desenvolvimento (n=98), como algo promissor. Tal fato pode ser observado nesta narrativa:

O contato com os alunos e a possibilidade de vê-los formulando ideias autonomamente a partir dos instrumentos que oferecemos. Trabalhar em

---

<sup>17</sup> Panorama da Educação Destaques do *Education at a Glance 2019*. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/panorama\\_da\\_educacao\\_destques\\_do\\_education\\_at\\_a\\_glance\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/panorama_da_educacao_destques_do_education_at_a_glance_2019.pdf)>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

equipe com colegas que há muito lutam por uma educação pública e de qualidade e que independente da idade não se permitem desanimar, por mais terrível que seja a situação. (Respondente 4)

O exercício da profissão foi apontado por 15% (n=28) como uma boa experiência e pode ser observado pelo seguinte relato: “O prazer de ensinar, de aprender com os alunos, de educar para uma consciência crítica” (Respondente 5). A próxima narrativa elucida os relatos do ambiente escolar e/ou à sala de aula que foi apontado por 8% (n=15):

Gosto da sala de aula e a relação que consigo estabelecer com os alunos, principalmente quando percebo neles o pensamento crítico. Gosto da troca, das experiências, do currículo oculto e de saber que posso de alguma forma impactar a vida do estudante positivamente. (Respondente 6)

Buscando questionar os egressos sobre as maiores dificuldades para o exercício da profissão de docente, 67,7% apontou alguma dificuldade (n=126). A maior delas é o baixo salário (21,5%), como observado nesta narrativa:

Falta de valorização profissional com salários pagos em atraso e sem reajustes há cinco anos. Precarização do trabalho docente, adoecimento da categoria, empobrecimento, ambiente de trabalho precário. A mantenedora desconhece a realidade e dificuldades das escolas, exigindo o cumprimento de cronogramas que esbarram na falta de estrutura das escolas e de acesso a certas tecnologias por parte dos estudantes. (Respondente 7)

Nessa narrativa também se pode ver duas outras dificuldades citadas: o baixo investimento em educação (17,2%) e a falta de estrutura física e de pessoal nas escolas (13,9%), permitindo observar como esses fatores estão relacionados.

Já a próxima narrativa demonstra uma dificuldade de ingresso na profissão, apontada por 7,5% dos egressos: “Dificuldade em ser chamada em contratos e concursos. Professores de outras áreas dando aula em matérias de humanas” (Respondente 8). Já o excesso de trabalho foi assinalado por 6,4%: “Durante a maior parte do período que trabalhei como professora, tinha 60 horas entre estado e município. Tendo uma jornada de trabalho muito exaustiva e salário inferior ao de concursos de nível médio, por esse motivo desisti da profissão” (Respondente 9).

A didática acessível e participativa com os alunos também foi relevante, sendo apontada por 5,3% dos egressos:

A minha maior dificuldade é passar o conteúdo de uma maneira que os alunos entendam. Por mais que eu saiba dos conteúdos, tive que me adaptar e tomar

muito cuidado com os termos que eu uso e o modo como eu falo na sala de aula, sempre tendo que lembrar que a atenção deles precisa ficar presa em mim e que preciso falar de modo simples. (Respondente 10)

Essa narrativa também permite pensar sobre o momento em que se está vivendo, não só no Brasil como em outras partes do mundo, ou seja, um período de negacionismos, em que o discurso de um professor da área das humanas pode ser alvo de ataques, por isso a necessidade de se ter cuidado com o que se fala.

Após explorar as experiências profissionais dos egressos e egressas o formulário buscou questioná-los a respeito de suas memórias no momento que estavam no curso. Para isso, foi utilizado Candau (2011) a partir do que qualifica como memória propriamente dita, ou seja, as perguntas se vinculavam muito aos seus saberes e fazeres. Desse modo, 88,7% apontaram algum aspecto positivo (n=165) e a seguinte narrativa traz a importância dos professores e/ou das aulas, manifestada por 39,2% dos egressos:

Considero que tive uma formação excelente! Percebi isto quando fui ao mercado de trabalho, pois consegui superar os desafios que se estabeleciam e se estabelecem como o Bolsonarismo. A UFPel tem um grupo de profissionais e professores que não imaginam o reflexo do trabalho que fazem. Hoje na linha de frente, percebo em mim um pouco de cada professor que me formou na licenciatura. (Respondente 11)

Um ponto que chama a atenção é a compreensão pessoal em relação ao contexto do mundo e a construção de novos horizontes, que foram indicados por 33,3%, como pode ser visto nesta narrativa:

O curso me abriu para dificuldades e aspectos da sociedade que eu não tinha consciência. Por muito tempo eu fiquei muito fechada em um grupo específico de pessoas e me isolei muito. Quando eu entrei no curso de História eu aprendi a olhar mais para a sociedade e seus problemas como um todo por outra perspectiva. (Respondente 12)

Quanto à importância das bolsas e de projetos de ensino, pesquisa e extensão essa foi apontada por 13,9%, como exemplificado na seguinte narrativa: “a grade curricular a qual me formei, por conta da interdisciplinaridade e da formação sólida sempre que possível, alguns professores que eram fantásticos, a oportunidade que tive de ter acesso a bolsas acadêmicas e as amizades que construí com alunos e professores” (Respondente 13).

Outro relato apontado com a mesma incidência, 13,9%, sinalizou o curso como positivo para a formação profissional. A saber, 12,9% citaram o incentivo ou as práticas de pesquisa

como um aspecto relevante. Outra resposta que demonstra a construção de sociabilidades foi assim expressa (10,2%):

A vivência com os colegas, as discussões nos corredores, nas aulas, na frente do prédio antes e, principalmente, depois de reuniões e aulas, ficávamos horas discutindo e tomando chimarrão, além de uma lembrança muito boa de amizade, mudou minha visão de mundo, me fez mais crítico, o que contribui na minha profissão e desenvolvimento pessoal. A carga de leitura do curso qualifica os alunos para qualquer discussão. (Respondente 14)

Após se observar essas respostas, consegue-se perceber que a importância do papel social do professor é um item relevante não somente para a sociedade, mas, também, para os próprios profissionais, sendo pontos de motivação e satisfação para tais graduados que manifestaram como aspectos positivos a possibilidade da construção de um mundo melhor, de sociabilizar com os alunos e colegas e de revolucionar suas vidas e perspectivas de olhar o mundo.

Ainda no horizonte de avaliar o curso e a experiência dos egressos, indagou-se sobre pontos negativos da licenciatura e 66,6% tiveram algum aspecto negativo a citar (n=124). O mais citado foi a didática dos professores e/ou o desinteresse deles e/ou a falta de professores e/ou os professores substitutos. Tal situação fica evidente no seguinte relato:

Falta de didática de alguns professores, docentes irresponsáveis com o ensino (ausentes nas aulas, pouco dedicados ao planejamento), textos escritos de forma extremamente precária e de difícil entendimento e oferecidos nos primeiros semestres, ausência de disciplinas da área da educação e raro contato com as escolas, na época pouquíssimos projetos ou projetos em que o professor era o dono da pesquisa e o (a) aluno (a) mero executor, sem participação efetiva no processo. (Respondente 15)

Algumas das reclamações se relacionavam a disciplinas dadas por outras faculdades, centros ou institutos, como nesta em que a crítica se refere à Faculdade de Educação.

Não somos preparados para estarmos dentro de uma sala de aula nem para encararmos a realidade de uma escola (seja ela pública ou privada). As disciplinas da FAE ficaram muito dispersas e não dialogavam com as disciplinas do curso. Poucos docentes aplicavam seus conteúdos pensando em criar opções para que os futuros professores utilizassem em sala de aula. (Respondente 16)

Outros egressos (14,5%) relataram, ainda, a falta de estrutura física para projetos, como salas, laboratórios e bibliotecas, tal qual observado: “Acredito que os aspectos negativos estejam relacionados à estrutura que não depende apenas no curso. Poucos espaços para

debates e exercícios. Tudo sempre foi muito improvisado, o que torna tudo mais penoso.” (Respondente 17).

É importante destacar que o curso passou por algumas transformações em sua estrutura, ocupando diversos prédios no decorrer de seus 40 anos. É uma característica da UFPel a fragmentação da universidade em diversos campus espalhados pela cidade de Pelotas e Capão do Leão. O local em que hoje se ministram as aulas do curso de Licenciatura em História tem recebido algumas melhorias, mas há deficiências infraestruturais. Em uma narrativa, em especial, se observa como as mudanças impactaram o aprendizado: “Pegamos a mudança da universidade. Tivemos 4 lugares de estudo até chegar ao ICH de hoje. Foram realidades complicadas como as aulas de Contemporânea com a banda do Gonzaga ensaiando” (Respondente 18).

O terceiro aspecto negativo mais citado (10,2%) foi a ausência de disciplinas e/ou de disciplinas mal aproveitadas como ilustra esta narrativa:

Tive uma defasagem muito grande em História Antiga por falta e troca de professores, para mim esse foi o maior ponto negativo. Outro é que mesmo sendo da licenciatura, não tive nenhuma disciplina sobre acervos, seria válido que pelo menos alguma optativa tivesse sido ofertada no turno da noite, pois para o TCC e futuras pesquisas acabamos nos deparando com questões sobre pesquisa em acervos. (Respondente 19)

Os estudos sobre o acompanhamento de egressos permitem avaliar o curso através da experiência de seus graduados. É nessa perspectiva que o formulário questionou os respondentes se haveria alguma mudança curricular na grade de formação do curso a que eles incorporariam e 70,4% deles tiveram alguma proposta (n=131). Uma das mais citadas foi a criação de uma nova cadeira/disciplina (38,7%), como foi expresso nesta narrativa:

Sei que não é bem a questão da licenciatura, mas eu senti falta de uma cadeira sobre arquivos e a forma de se trabalhar com os mesmos, eu fiz essa cadeira no bacharelado e foi bem produtiva. Outro aspecto que acho interessante, mas não sabendo da disponibilidade de horários no primeiro semestre, mas seria uma cadeira sobre técnicas acadêmicas, exemplo do que seria ministrado: Como fazer resumos, fichamentos e demais, eu senti muita falta disso no primeiro semestre, era a primeira vez que entrava numa faculdade e não tinha noção do estava sendo pedido, naquele primeiro semestre. Digo isso porque iniciei outro curso depois que tinha uma cadeira assim, pra mim foi apenas uma revisão, mas para meus colegas que recém haviam saído do ensino médio foi de grande importância. Acredito que sejam só essas as colocações. (Respondente 20)

Aqui, é interessante observar que atualmente o curso já conta com a cadeira de “Leitura e Produção de Textos”, a qual é ministrada no primeiro semestre por professores do



departamento de Letras. Além disso, diversas foram as sugestões de disciplinas, sendo as mais sugeridas: Prática de Ensino de História e/ou Ensino de História (9,1%), Metodologia e/ou Teoria (6,9%), História da África e/ou mais História da África (6,9%), Inserção às tecnologias/Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e/ou jogos (5,9%), História da Ásia e/ou Oriente (5,9%) e Ensino de História para pessoa com deficiência e/ou inclusão social (3,2%).

Ainda sobre o tema metodologia, 13,4% se manifestaram, como no caso do seguinte narrador: “mais disciplinas de Teorias da História, e mais disciplinas pedagógicas direcionadas para o Ensino de História. menos disciplinas focadas na Europa como centro” (Respondente 21).

A narrativa a seguir demonstra as sugestões de cadeiras mais práticas, necessidade apontada por vários dos respondentes (9,1%) bem como a de uma maior aproximação com as escolas e o ensino (8%):

Tornaria as disciplinas de educação mais práticas, com visitação a escolas da cidade e desenvolvimento de oficinas para aplicação. Incluiria disciplinas que procurassem debater historicamente questões em voga nas salas de aula. Talvez não pensando apenas cronologicamente, mas principalmente tematicamente, como história do racismo, das ditaduras, da LGBTfobia, do machismo, do bullying, da inclusão social, das religiões etc. Sobre as religiões, percebi no meu último estágio o apagamento das religiões neopentecostais na História, mas que hoje em dia representam um grupo bem grande na sociedade e nas salas de aula do meio urbano. (Respondente 22)

Buscando questionar a memória dos egressos e egressas, que trabalha com os três tempos: passado, presente e futuro (CANDAU, 2011), o formulário os indagou se eles pudessem retornar no tempo, se fariam o curso novamente ou se realizariam outro, de modo que apontassem o motivo. Dessa maneira, 73,2% disseram que fariam a graduação novamente (n=137) e, dentre os motivos, estavam o gosto pelo aprendizado proporcionado e/ou questões pessoais (17,2%):

Faria novamente, pois além de ser uma área que eu sempre amei estudar, dentro do curso essa paixão cresceu mais ainda, principalmente durante o período de estágio, que foi quando tive maior contato com a profissão docente e decidi que era aquilo que eu queria fazer. Além disso, ter sido bolsista do LEH e PIBID além de ter me dado suporte financeiro para me sustentar, foi muito importante para eu me achar no curso, pois em sala de aula ficamos muito tempo na teoria e para algumas pessoas nem sempre isso vai fazer sentido, mas nos projetos de ensino, pesquisa e extensão temos a chance de entrar na área prática, exercer a teoria no dia a dia, aprender a partir do contato com o outro e sentir prazer trabalho realizado. Elementos que acredito serem essenciais para formação de profissionais que lidam com pessoas. (Respondente 23)

Alguns egressos disseram que além de fazer novamente o curso aproveitariam mais e/ou fariam mais disciplinas. Mas houve 14,5% que afirmaram não cursar novamente essa graduação (n=27) e 12,3% relataram que fariam outro curso (n=23):

Não realizaria. Eu gosto do curso, professores e amo ser professora, entretanto, o mercado de trabalho é péssimo e muito seletivo. Nós vemos com o diploma na mão servindo para nada, demorando muitos anos para conseguir lugar no mercado de trabalho que também não pode ser muito ambicioso. Ao mesmo tempo em que vemos colegas de cursos técnicos com remuneração e condições de trabalho muito melhores que nós. É um tanto sofrimento e desesperador. Se eu voltasse no tempo talvez faria alguma formação voltada para a gestão, pois sinto que tenho potencial nisso e o mercado é maior e mais possível de crescimento. (Respondente 24)

Já dentre os cursos citados para uma nova opção, caso pudessem voltar ao tempo, estariam: Direito, Bacharelado em História, Letras e Administração. Os dois primeiros cursos se relacionam à área das humanidades, o terceiro citado se vincula à Licenciatura e somente o quarto está em área diversa, embora também dialogue com a profissão, já que um número considerável de professores atua na gestão escolar.

Para finalizar, o formulário deixou a possibilidade dos egressos e egressas relatarem algum outro aspecto não mencionado, assim, 19,3% deixaram alguma impressão (n=36). O relato com maior frequência foi a respeito da qualidade e/ou agradecimentos ao curso e/ou professores (5,3%) como a seguinte narrativa expõe: “Apenas quero agradecer a UFPel. Por ser uma universidade pública e gratuita de grande qualidade. Aos professores que tive. Que mesmo em situações adversas, na grande maior parte, deram o seu melhor” (Respondente 25). Outro relato interessante é sobre a importância do ensino, pesquisa e extensão (2,6%):

Por ter sido bolsista do PET, eu participava de projetos de pesquisa, ensino e educação. Sei que o foco da maior parte dos professores é conseguir financiamento e bolsas para pesquisa, uma vez que no âmbito acadêmico são os projetos mais reconhecidos. Mas penso que a extensão é de grande importância, não só na vida do aluno, como da sociedade. Hoje como professora penso em quantos materiais para intervenção em sala de aula podiam ser feitos pelos alunos do curso de História, quantos textos didáticos podiam ser elaborados, ao invés da produção de artigos para determinadas cadeiras que, exceto o professor titular, ninguém mais vai ler, enfim, como seria legal essa troca. (Respondente 26)

Outros relatos, em número menor, se relacionaram a sugestões do oferecimento de cursos na modalidade de ensino a distância para atualização dos egressos; menções sobre a

importância de pesquisas desse tipo; necessidade de mais diálogo dentro das salas de aula e de uma maior aproximação do curso com as escolas.

### **Considerações finais**

O curso de Licenciatura em História possui uma longa trajetória de 40 anos. Nesse tempo construiu diferentes currículos, a partir de diálogos, especialmente, com os alunos que atuaram fortemente para que a graduação proporcionasse uma formação cidadã. A mudança do formato de licenciatura curta para uma de maior duração, por exemplo, foi fruto da mobilização dos estudantes que não viam sentido em graduações que, muitas vezes, repetiam experiências em cursos quase idênticos.

A pesquisa permitiu levantar o perfil sociodemográfico dos egressos onde se constatou que a maioria dos formados são mulheres, brancas, gaúchas e não cotistas. Através do formulário, pôde-se observar que os egressos do curso seguem as mesmas direções apontadas pela OCDE, no quesito gênero, que diz que a expansão do ensino superior beneficiou mais as mulheres, que foram 55% das ingressantes no ensino superior em 2019<sup>18</sup>. Contudo, os dados étnicos/raciais são preocupantes já que são predominantemente brancos aqueles que concluem a graduação.

Através das respostas, também ficou compreensível que quase a metade dos formados está atuando na área, ou seja, ministra aulas em diferentes etapas: ensino fundamental, médio e superior e há um número significativo que não atua porque não tem interesse, tendo em vista os baixos rendimentos obtidos e a desmoralização profissional e humana.

Aliás, este é um problema que atravessa várias das respostas, ou seja, o baixo salário dos professores aliado à péssima infraestrutura das escolas dificultam o exercício profissional. Recentemente, foi publicado um relatório da OCDE<sup>19</sup> que diz que os professores brasileiros têm os piores salários iniciais entre 40 países, realidade que também atinge os professores universitários, embora, certamente, tenham salários mais altos, possuem rendimentos 48,4% inferiores à média mundial.

Com a pandemia a situação se agravou, pois junto a essa falta de reconhecimento que costuma ser própria da profissão, já que vários outros profissionais costumam ser adjetivados como historiadores, se aliou a ansiedade e o medo da contaminação, além de um trabalho maior,

---

<sup>18</sup> Dados do *Education at a Glance*: indicadores OCDE. Disponível em: <<https://www.oecd-ilibrary.org/sites/b35a14e5-en/index.html?itemId=/content/publication/b35a14e5-en>>. Acesso em: 23 set. 2021.

<sup>19</sup> Dados do site “Guia do Estudante”. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/noticia/professores-brasileiros-tem-um-dos-piores-salarios-do-mundo-diz-estudo/>>. Acesso em 19 de setembro de 2021.

tendo em vista que muitos dos docentes tiveram de aprender a usar tecnologias com as quais tinham pouca ou nenhuma experiência.

De todo o modo, vinculado ao curso, ainda que problemas tenham sido colocados pelos respondentes para a sua execução, entende-se que há o que comemorar, já que em sua trajetória o curso tem procurado formar pessoas comprometidas com uma visão de mundo transformadora e que atende aos objetivos sociais e profissionais, ao menos no possível, conforme fica demonstrado pelas várias narrativas apresentadas.

### Referências Bibliográficas

- ANDRIOLA, Wagner Bandeira. Estudo de egressos de cursos de graduação: subsídios para a autoavaliação e o planejamento institucionais. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 54, p. 203-220, Dez, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602014000400013&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602014000400013&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em 5 de julho de 2020.
- Alcançar a educação básica e resultados educacionais equitativos ainda é um desafio. Sumário executivo. **Education at a Glance: indicadores OCDE**. Disponível em: <<https://www.oecd-ilibrary.org/sites/b35a14e5-en/index.html?itemId=/content/publication/b35a14e5-en>>. Acesso em: 23 set. 2021.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- CASTEL, Robert. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à “desfiliação”. **CADERNO CRH**, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18664> Acesso em 30 de setembro de 2021.
- Censo da Educação Superior Notas Estatísticas 2019 - **Inep**. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2020/Notas\\_Estatisticas\\_Censo\\_da\\_Educacao\\_Superior\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Notas_Estatisticas_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf)>. Acesso em 23 maio 2021.
- FELICETTI, Vera e MOROSINI, Marília. Equidade e iniquidade no ensino superior: uma reflexão. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 62, p. 9-24, jan./mar. 2009. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40362009000100002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40362009000100002&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em 2 de agosto de 2020.
- LIMA, Leonardo Araújo e ANDRIOLA, Wagner Bandeira. Acompanhamento de egressos: subsídios para a avaliação de Instituições de Ensino Superior (IES). **Avaliação** (Campinas), Sorocaba, v. 23, n. 1, p. 104-125, Abr. 2018. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772018000100104&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772018000100104&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 24 de julho de 2020.
- LONER, Beatriz; GILL, Lorena e MAGALHÃES, Mario. Dicionário de História de Pelotas. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3735> Acesso em 19 de setembro de 2021.
- Mulheres são maioria na Educação Superior brasileira. **Inep/MEC**, 08 de março de 2018. Disponível em: <[http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206)>. Acesso em 7 jul. 2020.
- OLIVEIRA, Quezia; LANGHANZ, Milena e GILL, Lorena. “Sinto falta de abraços”: os impactos da pandemia de Covid-19 na vida cotidiana dos alunos e alunas da UFPel. **História**

em **Revista**. Pelotas: Editora da UFPel, 2020, p. 230- 239. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/view/20622> Acessi en 17 de outubro de 2021.

**Panorama da Educação Destaques do *Education at a Glance 2019***. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/panorama\\_da\\_educacao\\_destaque\\_do\\_education\\_at\\_a\\_glance\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/panorama_da_educacao_destaque_do_education_at_a_glance_2019.pdf)>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

PAUL, Jean-Jacques. Acompanhamento de egressos do ensino superior: experiência brasileira e internacional. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 28, n. 74, p. 309-326, agosto de 2015. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792015000200309&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792015000200309&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em 24 de julho de 2020.

PEREIRA, Leonardo e GILL, Lorena. Os egressos e as egressas do curso de Bacharelado em História da UFPel: inserção laboral e adequação curricular. In: Michelon, Francisca; Ana Bandeira; Paula Lima e Letícia Zimmermann. (Org.). **Conexões para um tempo suspenso: extensão universitária na pandemia**. 1ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2020, v. 1, p. 82-98. <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/6834> Acesso em 14 de outubro de 2021.

SIMON, Lílian e PACHECO, Andressa. Ações de acompanhamento de egressos: um estudo das universidades públicas do sul do Brasil. **Revista Brasileira de Ensino Superior**. Passo Fundo, v. 3, n. 2, p. 94-113, dez. 2017. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/REBES/article/view/2023>. Acesso em 12 ago. 2020.

Sinaes, Enade 2017, Relatório Síntese de Área História (Bacharelado/Licenciatura). **Enade/Inep**. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/enade/relatorio\\_sintese/2017/Historia.pdf?fclid=IwAR0PLGyZhYEvdlNWWRS3Laj\\_6rsF26CGOL7pIm00tM29WijE2od1dDKD0Ks](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2017/Historia.pdf?fclid=IwAR0PLGyZhYEvdlNWWRS3Laj_6rsF26CGOL7pIm00tM29WijE2od1dDKD0Ks)>. Acesso em: 25 maio de 2021.

SOUZA NETO, Manoel. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 249-259, maio/ago. 2005. <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/Cwf9njhMD9TfxmCvnZFhvNy/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 19 de setembro de 2021.

STARLLES, Wanderson. Professores brasileiros têm os piores salários entre 40 países, diz OCDE. **Guia do Estudante**, 17 set. 2021. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/noticia/professores-brasileiros-tem-um-dos-piores-salarios-do-mundo-diz-estudo/>>. Acesso em: 19 set. 2021.

18m - 7 Anos sem reajustes, não dá! Composição e reajustes das bolsas já!. **Associação Nacional de Pós-graduandos (ANPG)**, 2020. Disponível em: <<http://www.anpg.org.br/20/02/2020/18-m-7-anos-sem-reajuste-nao-darecomposicaoereajuste-das-bolsas-ja/>>. Acesso em: 20 set. 2021.